https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2024.16113

Data de receção: 21/11/2023
Data de aceitação: 19/12/2023

A HERDADE DO FREIXO DO MEIO E A EMERGÊNCIA DE UM TURISMO CIENTÍFICO DE NATUREZA (UM SALTO AO PASSADO; UM MERGULHO NO FUTURO)

THE "HERDADE DO FREIXO DO MEIO" AND THE EMERGENCE OF SCIENTIFIC NATURE TOURISM (A LEAP INTO THE PAST; A PLUNGE INTO THE FUTURE)

Albino Lopes [1] ***orcid.org/0000-0001-8836-0024***
Fernando Romana [2] ***orcid.org/0000-0002-9221-2099***
Luis Barrosa [3] ***orcid.org/0000-0002-4802-1420***
Ruben Raposo [4] ***orcid.org/0000-0002-3729-7800***
Alfredo Sendim [5]

Esta proposta de experienciação vivida encontra-se organizada em moldes de etapas de um percurso (ou narrativas) de cerca de 7.000 anos de um tipo de povoamento em contexto de sustentabilidade eco-económica à margem da economia cerealífera típica do Médio Oriente.

Resumo

Identificam-se, no texto, o que designamos de etapas (ao jeito de breves narrativas) um projeto que se pretende "inovador" de "turismo

[1] Prof. Catedrático Jubilado do ISCSP – Universidade de Lisboa. Email: p6178@ismat.pt
[2] Prof Associado da Universidade Atlântica. Email: fromana@uatlantica.pt
[3] Prof Adjunto dos ISCE. Email: luisbarrosa@gmail.com
[4] Prof Associado da Universidade Lusíada. Email: rubenjraposo@gmail.com
[5] Empresário e Gestor da H F M: Alfredo Sendim. E-mail: alfredosendim@herdadedofreixodomeio.pt

científico" organizado em passos de uma experiênciação única. As condições do caso de estudo são de ordem quase-laboratoriais. O contexto apresenta-se como o de uma "eco-árqueo-história agro-florestal" do padrão de povoamento mediterrânico-peninsular. Em lugar de se escolher uma abordagem racionalista para refletir sobre os factos em discussão, segue-se uma abordagem à Gabriel Garcia Marques para se fazer experimentar às pessoas comuns o essencial do que está em causa. Só que em lugar de um romance opta-se, neste caso, pela escolha da força de um espaço a explorar, como só pode fazer-se no âmbito de uma digressão turística colocando-se o próprio espaço (a título de personagem) no centro da narrativa. O espaço da Herdade do Freixo do Meio (HFM) conta, efetivamente, uma história radicalmente diferente da narrativa dominante e que faz depender a era da sedentarização como um resultado da designada "revolução (neolítica) dos cereais".

Efetivamente, procura dar-se conta, neste texto, de um "percurso conceptual", em 10 etapas, ou narrativas, deduzidas da nossa observação direta no terreno, complementada por diversas entrevistas com os atores mencionadas no texto, cobrindo cerca de 7.000 anos de povoamento, no espaço da Herdade do Freixo do Meio (HFM), em Foros de Vale Figueira – concelho de Montemor o Novo, uma propriedade que permite demonstrar a possibilidade de existir uma plena sustentabilidade, de todos os pontos de vista, ou seja, de valores assentes na justiça social, demográfica, económica e, naturalmente, ecológica. O projeto de guião (script) de um roteiro turístico, idealizado enquanto possível produto vendável, visa amplificar o trabalho, verdadeiramente invulgar pela ambição de romper com qualquer vínculo ao passado da exploração latifundiária, realizado na HFM, na fase difícil, do desenvolvimento do projeto, visto do lado do estímulo à procura. Este projeto propõe-se "ajudar" a divulgar a ação coletiva dos atores da experiência agroflorestal revolucionária da HFM e, dessa forma, encontrar o modelo da sua consolidação, por outro lado, o de um novo ciclo de estímulo à procura. Acresce que, nessa consolidação da procura pelo turismo científico, poderá

conceber-se um interesse particular a partir do estudo ora proposto, segundo pensamos, analisando-o sob um terceiro ângulo, o da sua efetivamente "fácil" repetibilidade, através dos territórios do interior do nosso país, e não só.

Palavras-Chave: neolítico; desflorestação; cereais; desertificação; espaço agroflorestal; sustentabilidade; narrativas; turismo científico; adesão das pessoas.

Abstract

In the text, we identify what we call stages of a project that aims to be "innovative" of "scientific tourism" organized in steps of a unique experience. The conditions of the case study are of a quasi-laboratory nature. The context is presented as that of an "agroforestry eco-archaeo-history" of the Mediterranean-peninsular settlement pattern. Instead of choosing a rationalist approach to reflect on the facts under discussion, we follow a Gabriel Garcia Marques approach to make common people experience the essence of what is at stake. But instead of a romance, we opt for choosing the strength of a space to explore, as can only be done on a tourist tour, placing the space (in the image of a character) at the center of the narrative. The HFM space effectively tells a story that is radically different from the dominant narrative, and which makes sedentary dependent on the so-called "cereal revolution".

In fact, this text seeks to describe a "conceptual journey", in nine stages, deduced from our direct observation on the ground, complemented by several interviews with the actors mentioned in the text, covering around 6,000 years of settlement, in space of Herdade do Freixo do Meio (HFM), in Foros de Vale Figueira – municipality of Montemor o Novo, a property that allows to demonstrate the possibility of full sustainability (and viability) from all points of view, that is, from values based on the point of view of social, economic, demographic or ecological justice. The idealized tourist itinerary project (as a possible marketable product) aims to amplify the remarkable work carried out at HFM, on the side of stimulating demand. This project aims to "help" publicize the collective action of actors in the agroforestry experience, and in this way, to consolidate itself, in turn, on the side of stimulating

supply. Furthermore, in this consolidation of demand, a particular interest can be conceived from the study now proposed, as we think, analyzing it from a third angle, that of its effectively "easy" repeatability across the interior territories of our country and not only.

Keywords: neolithic; deforestation; cereals; desertification; agroforestry space; sustainability; scientific tourism; people's adherence.

1. INTRODUÇÃO E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A frase "desafiadora" do Papa Francisco remete para os oito anos da publicação da sua encíclica "Laudato si"[6]. A frase "reza" deste jeito: "os esforços das famílias para poluir menos, reduzir os esbanjamentos, consumir de forma sensata estão a criar uma nova cultura. O simples facto de mudar hábitos pessoais, familiares e comunitários alimenta a preocupação pelas responsabilidades não cumpridas pelos sectores políticos e a indignação contra o desinteresse dos poderosos"[7]. É, entretanto, contra esta postura que consideramos como "atentista", e que mais não faz do que depositar toda a esperança nas agendas dos governos ocidentais orientados para a "transição energética", que neste "paper" se procura recolocar a ação nas mãos do cidadão comum[8].

Numa recente avaliação de uma instituição do ensino superior, o ex-Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), presidente da respetiva comissão, e que conduziu a certificação ambiental

[6] Encíclica do Papa Francisco, publicada em 24/05/2015.

[7] A frase é evocada pela convocatória do movimento Vigília em defesa da Casa Comum nas vésperas da COP28 (Dubai) a realizar no átrio da igreja de Santa Isabel, em Lisboa (24 de novembro).

[8] Efetivamente, se o argumento central de todo este "movimento" de "boas-vontades", continuar a centrar-se na luta contra o excesso de CO2 na atmosfera (visado pela dita transição energética), bem podem deixar-se ficar "tranquilos" porque esse gás, na ausência da reposição florestal, irá manter-se onde está por muitos milhares de anos (como têm alertado, repetidamente, cientistas como o Prof da École des Mines de Paris, Jean-Marc Jancovici).

do seu "campus", referia a quase total ausência de preocupações ambientais nos diferentes cursos da Academia Portuguesa. O que o Prof Fontaínhas Fernandes parece sugerir é que se discuta, por todos os meios, a "questão maior da humanidade", ou seja, a de como desenvolver uma relação inteligente do homem e da natureza.

O presente texto visa apresentar um estudo de caso como uma contribuição para tornar essa preocupação presente em sede de trabalhos académicos, nomeadamente de Dissertação ou de "Projetos" de fim de curso, conscientes que estamos, de que a HFM constitui um caso único em Portugal e não só. Entretanto, na discussão científica das questões da alternativa agroflorestal em face das políticas cerealíferas, em lugar de se optar pela abordagem fria e racional da Academia para lançar o debate nas populações, socorremo-nos da força da ideia de vivência turística à imagem do que fez Gabriel Garcia Marquez com a questão do combate às ditaduras da América Latina (Marquez, 1982). O grande romancista consegue, pela força do romance, fazer discutir ao mundo inteiro a questão política das ditaduras, com a sua corte de teias de interesses e de conivências, contribuindo mais para a sua derrota do que se tinha conseguido com todos os estudos académicos reunidos. Presumimos, assim, que a força de um turismo científico poderia alcançar (ou superar, mesmo) a força do próprio romance, facultando ao cidadão normal uma forma ativa e cidadã, de "participar" na sustentabilidade económica das soluções agroflorestais.

Acima de tudo, evocamos uma das teses centrais de Popper (1975)[9] para quem a ciência deve ser, sobretudo, desafiada a estudar os casos únicos ou excecionais (a famosa questão do interesse científico se centrar na pesquisa de corvos brancos!). Seria, assim, como temos repetido noutros textos[10], a pesquisa desses estudos de caso, excecionais, (e não aquilo que se encontra consensualizado), que pode fazer evoluir a ciência e, por consequência, a humanidade.

[9] Apesar de a abordagem popperiana ser, desde o seu início, fortemente contestada (Blanchot, 1999), parece-nos ser, ainda, um guia seguro para a investigação.
[10] Ver Lopes (2012), Lopes (2016), ou ainda Lopes, Barrosa, e Fonseca, (2020).

Uma consulta rápida às páginas web da RTP/Associação de Professores de História permite-nos aceder a um texto breve e elucidativo, da autoria da Profª Marta Torres (2021), intitulado "Definir Neolítico[11]: relacionar a economia de produção com a sedentarização". O texto situa o início da designada "revolução neolítica ou revolução dos cereais" no designado Médio Oriente, num período que oscilaria entre 10 e 12 mil anos. Nesse contexto temporal o homem passaria de recolector a produtor, domesticou animais e sedentarizou-se, nascendo, dessa forma, a solução do povoamento permanente. Poderíamos exemplificar o que testemunhamos a partir dos inúmeros artefactos (de cerâmica, de pedra polida, de vestígios de habitações ou, mesmo, de cromeleques) encontrados nesta herdade do Alentejo.

Ora é sabido que com base em textos como este (são centenas os que poderíamos consultar), foi-se produzindo um "saber" pretensamente "inquestionável" que, de forma explícita ou implícita, faz depender a civilização humana desta "revolução" dos cereais (para cúmulo apelidada por vezes como "revolução verde"). Ora ela apenas poderia ter ocorrido por, entre outros fatores, em situação de coocorrência com uma desflorestação generalizada, a qual, no Alentejo, se viria a produzir, à semelhança de outros locais do Mediterrâneo Ocidental, com a vitória do Império Romano. À sua chegada os cronistas latinos informavam que um esquilo poderia subir a uma árvore nos Perineus e descer somente à sua chegada ao Atlântico. Depois, (…) foi a desflorestação em massa.

A paisagem rural seria, desde essa época, radicalmente alterada, ameaçando, em consequência, todo o sul peninsular de desertificação progressiva que não parou de acelerar. De uma situação de pré desertificação em cerca de 20% do planeta, já teremos chegado a 80% (Sendim, 2023). Ironicamente, o fenómeno que, segundo nos dizem, teria feito emergir a civilização, seria o mesmo que, agora, a ameaça de sufoco.

[11] Para aprofundamento, ver: https://ensina.rtp.pt/explicador/a-revolucao-do-neolitico-a-economia-de-producao-e-a-sedentarizacao-h4/. Ou, ver, igualmente, o artigo sobre o neolítico da, em geral, bem documentada "Enciclopédia da História Mundial" de acesso livre: https://www.worldhistory.org/trans/pt/

Pensamos que a aura que a "ciência" *mainstream* concedeu aos cereais, como solução ideal para a vida humana e animal, na Terra, pode ter ofuscado a procura de soluções alternativas e dar uma oportunidade a outra versão da história e, logicamente, do futuro.

O estudo/ projeto que se apresenta neste texto, pretende, assim, nomeadamente, situar uma visão histórica alternativa, mostrando que a civilização não resulta, tão só, de uma revolução de tipo imperial (com forte necessidade de produção cerealífera para que os exércitos não ficassem reféns, dependentes, dos frutos da terra). Na HFM existem factos e artefactos que testemunham a existência de um processo de sedentarização, sem cereais. Efetivamente, ela foi desenvolvida com base na abundância de árvores de fruto e, acima de tudo, a partir da presença de um verdadeiro "super-alimento" para homens e animais - a bolota de azinho (tornada o logotipo, altamente simbólico da HFM).

Por que vias alternativas aos impasses atuais é que esta visão nos poderia conduzir?

O que esperamos, com este projeto, é ajudar a criar as condições para o desenvolvimento de um produto turístico orientado para o gosto de seguir e fazer partilhar o percurso proposto. A experienciação perspetivada conjuga-se em dez etapas que se propõem explorar um "livro aberto" sobre uma interação autenticamente original, em que a natureza interage com o homem, baseada na mediação pela investigação/ação e pelo conhecimento científico que orienta os atores da HFM, liderados por alguém que se propôs fazer a diferença, o Eng. Alfredo Sendim.

2. MÉTODO

As entrevistas em profundidade realizadas junto dos atores relevantes, associadas a uma análise de conteúdo temático, a que igualmente se procedeu, duplicada pela indispensável "criação", e posterior desenho do sistema de categorias[12], desenvolvidas em contexto de narrativa

[12] A conceção e o desenho das categorias a que fazemos referência, apresenta-se, adiante, no contexto da abordagem teórica.

(*storytelling*)[13], todos estes elementos constituem a essência do método qualitativo de produção de conteúdos científicos. Nada, porém, pode substituir a "observação direta" (uma boa dúzia de visitas, ou, nomeadamente, a "observação participante". Temos privilegiado esta última, porque é ela que permite dar conta das expectativas e das surpresas, ou mesmo das dúvidas, que se atravessam no caminho da descoberta do trabalho e do conhecimento enquanto fatores de aceleração da recriação da biodiversidade que verdadeiramente comove o visitante que com ela se cruza, no contexto do vasto território alentejano, progressivamente ameaçado de um processo de "desertificação" amplamente mediatizado. O que surpreende mais as pessoas que tenho acompanhado nas suas visitas é que se confrontam, na HFM, com uma espantosa exceção (interessante para a pesquisa científica, de acordo com a epistemologia popperiana): a ação consequente da recuperação/replantação do montado (75% do espaço) e de todo um programa de plantação de 10 campos experimentais, em espaços de um novo tipo de agrofloresta (cerca de 10%), a par da preservação da floresta próxima da ancestral (equivalente a outros 10%)[14], fez "desaparecer" dos nossos olhares atentos, os referidos riscos de desertificação.

3. ABORDAGEM TEÓRICA

Devemos a Morin (1999; 2005) o estudo da metodologia de projeto (e os seis princípios básicos da sua elaboração) como a via real da aprendizagem em geral, e da académica em particular, os quais procurámos ter em devida contra no processo de escrita: (i) sistémico-organizacional (conjugar o todo e cada uma das suas partes); (ii) hologramático (cada uma das partes contém o todo, tal como o todo

[13] O método da pesquisa com base na técnica de elaboração de narrativas foi, por nós desenvolvido em trabalhos de investigação conducentes a teses de mestrado e de doutoramento. (Ver: Lopes et al., 2009, bem como, Dias et al., 2019). Inspirando-nos em (Murray, 2017), a narrativa é aqui contextualizada no sentido da promoção da mudança em ordem à criação de uma identidade particular de um espaço com potencial eco-árqueo-histórico.

[14] Cerca de 5% constituem as zonas de estufas e dos espaços sociais da HFM.

contém todas as suas partes); (iii) retroatividade (cada etapa do projeto acrescenta sentido ao todo e às partes que o compõem); (iv) auto-organização (em face da experienciação complexa vivenciada, se bem que de um ponto de vista meramente conceptual, poderá conseguir-se tomar consciência de que cada um, no seio do mesmo processo cognitivo constitui um produto e se assume como um produtor, em simultâneo); (v) dialógico (dimensões aparentemente contraditórias podem ser apreciadas como profundamente complementares, tal como, no caso concreto o homem e a natureza); (vi) reconstituição (podendo cada um apropriar-se do escrito e refazê-lo por si próprio, ampliando-o de forma contínua).

Entendemos, em consequência, que um projeto (na fase atual seria melhor denomina-lo como ante-projeto)[15], com os contornos de um eventual produto de turismo "científico", envolvido num processo de museologização dinâmica (no sentido que lhe é conferido na obra monumental dirigida por Desvallées e Mairesse, 2011), a propor para um espaço natural como é o caso da HFM, deverá ser estruturado de acordo com quatro parâmetros: (i) dinâmico e suscetível de aperfeiçoamento; (ii) de conceção original; (iii) capaz de cativar um público curioso, interessado pelas questões sócio-árqueo-ambientais e minimamente esclarecido; (iv) fácil de implementar, ou seja, sem custos de exploração acrescidos.

No caso vertente da proposta de um esboço de projeto de turismo "científico", no sentido largo do termo, na HFM, optamos por retomar uma proposta de leitura a que chegámos anteriormente. A análise de conteúdo de textos de notas de cadernos de investigação e de entrevistas aos atores relevantes que têm desenvolvido o projeto da HFM, permitiu-nos desenvolver um conjunto de publicações reportadas na Bibliografia, assim como de elaborar um modelo compreensivo da realidade em causa (apresentado abaixo): (i) a reposição (a partir do trabalho humano, do conhecimento científico e da ação da natureza) de um espaço rural dotado de uma "biodiversidade sustentável" dos mais diversos pontos de vista

[15] Para aceder à fase de um verdadeiro projeto, este deveria seguir os passos habituais testados nos casos de museografia. Do nosso ponto de vista, entretanto, falamos de projeto no sentido académico do termo, como trabalho escolar, alternativo aos outros dois habituais: estágio ou monografia de fim de curso.

(ambiental, económica e social); (ii) os indicadores de sustentabilidade podem ser abordados pelo facto de se não encontrarem qualquer tipo de pesticidas ou de fertilizantes sintéticos, bem como pela minimização de regas, em pleno verão alentejano. As categorias, os eixos e os quadrantes encontrados a partir dos textos das entrevistas (o respetivo "verbatim") em análise, podem ser lidos através da configuração de um modelo paradoxal, opondo-se, de forma sistémica, dois a dois. Apontam, o primeiro eixo, para a via do maior ou do menor esforço produtivo a desenvolver, o segundo refere-se aos aspetos relativos à transformação da natureza, a implementar ou já encetada, entretanto. Os quadrantes assim desenhados poderiam ser apresentados como segue: (i) falta um esforço de estabilização das regras relativas às principais rotinas de trabalho primário e de transformação, de embalamento e de comercialização de produtos alimentares biológicos, de acordo com as necessidades dos consumidores, bem como de alguns métodos de trabalho suportados em tecnologia sem utilização de energia fóssil, ou seja, **uma produção biológica, tecnologicamente sustentável, mas insuficiente do ponto de vista social, organizacional e económica**; (ii) por sua vez, as iniciativas dos produtores associados e dos grupos de consumidores fidelizados, apesar do esforço de todos, são muito insuficientes em termos de sustentabilidade tecnológica, económica, organizacional e social, ou seja, uma **cultura de grupo desenvolvida, mas sem exigências de criatividade e de clarificação de objetivos**; (iii) o espírito de equipa, a cultura colaborativa e a associação aos grupos de consumidores estão presentes e é desejado o seu aprofundamento contínuo e um alargamento moderado a outras parcerias mutuamente ganhadoras, ou seja, **existem equipa criativas com uma cultura colaborativa, associada a grupos de consumidores satisfeitos**; (iv) por último, a organização por produtos de alto valor acrescentado para os clientes encontra-se em estado avançado, mas em que falta todo um trabalho profissional de criação de marcas, de presença eficaz nos mercados de proximidade exigentes ou de controlo de custos e de eficiência, em geral, ou seja, objetivos insuficientemente desenhados em termos de exigência e de prossecução sistemática.

O quadro cognitivo, elaborado após um aprofundado trabalho de síntese (em que se partiu de palavras-chave e/ou de frases dos atores sociais relevantes, agrupadas em sub-categorias e em categorias, para se poderem estabelecer dimensões descritivas e compreensivas, estruturadas e organizadas a partir de eixos ortogonais abrangentes). Em função da análise das categorias retidas, apresenta-se um mapa cognitivo da gestão sustentável da HFM, com a configuração resultante, de acordo com a nossa leitura crítica.

Tabela 1

Mapa cognitivo da gestão sustentável da HFM

Quadro cognitivo do posicionamento da HFM em termos de eficiência ambiental e de gestão sustentável

Exigência de um esforço gestionário máximo

Iniciativas muito esforçadas da produção e dos consumidores, insuficientes, porém, em termos de sustentabilidade	Espírito criativo de equipa, cultura colaborativa e associação a grupos de consumidores satisfeitos
II	III
I	IV
Produção biológica tecnologicamente sustentável, mas não em termos económicos, organizacionais e sociais	Produção c/valor acrescentado para clientes e trabalho de gestão profissional insuficiente

Produção agrícola biológica sem articulação com consumidores associados

Produção agroflorestal em articulação com os consumidores

Opção de um esforço gestionário mínimo

De acordo com a análise de conteúdo que temos vindo a propor, a HFM parece encontrar-se no que definimos como IV quadrante tendo-se distinguido como um caso de excelência no domínio experimental em termos de agrofloresta sustentável, mas que corre o risco de uma insustentabilidade dramática a nível organizacional e de gestão, o que pode configurar uma situação económica difícil, porque ambiciosa em extremo.

O projeto de turístico científico, o qual pensamos poder vir a revelar-se como um produto-âncora, visando ajudar, de forma decisiva, a perspetivar um futuro sustentável do ponto de vista económico.

4. APRESENTAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE PROJETO DE ROTEIRO DE TURISMO CIENTÍFICO

O projeto de comunicação com o público que poderá estar interessado na saga simultaneamente local, mas com repercussões universais, que se desenvolve na HFM visa experienciar uma vivência radical e única (a qual engloba o passado, o presente e o futuro da dinâmica dos espaços rurais e da própria humanidade).

1ª Etapa: visita ao centro interpretativo aberto sobre uma abordagem árqueo-história do "montado" do sul peninsular. Reflete-se neste primeiro ponto sobre o facto de a HFM (enquanto espaço representativo do Alentejo rural) poder ser conceptualizada, na atualidade, de um ponto de vista geral, como uma zona agro-florestal sustentável, afastando-se, de forma radical, da experienciação agrária dominante "nascida" no âmbito do "Crescente Fértil" (Ásia Ocidental, antes conhecida como Próximo Oriente, dentro de uma visão euro-centrada, e Norte de África). O centro interpretativo árqueo-histórico da HFM, dirigido pelo Prof. Manuel Calado, conta, assim, uma história muito diferente daquela que faz depender o neolítico da designada revolução dos cereais. Aqui o alimento base das populações e dos animais foi a bolota de sobro e de azinho (um superalimento, no dizer do Eng. Alfredo Sendim). Constata-se, na HFM, um progresso civilizacional, documentado por artefactos de pedra polida, de cerâmica, de construção de certo modo, "climatizada", etc., mas sem os habituais vestígios de violência das regiões cerealíferas do "crescente fértil"[16], muito embora se possam perceber, também aqui, a "violência", menos mediatizada, mas muito destrutiva, da "caça sem critérios" de

[16] Sendim (2023) situa as violências sociais como associadas às "soluções" cerealíferas na Península Ibérica, cerca de 2.000 antes da nossa era (sem outras especificações, talvez por uma insuficiência de investigações consequentes, mas poder-se-ia, eventualmente, especular com as navegações fenícias).

preservação, dos grandes animais selvagens defensores naturais dos ecossistemas (Sendim, 2023).

2ª Etapa: visita do espaço agroflorestal, recentemente plantado por um doutorando alemão, em situação de experimentação e de espaço de controlo. A experimentação decorre, de facto, num terreno de 2,5 hectares, tendo em frente um terreno equivalente, deixado na situação resultante do que se passava em diversos espaços da HFM, no final da Reforma Agrária, o qual continua sem qualquer intervenção de recuperação do montado. Discute-se, neste segundo ponto, a opção efetivamente seguida, há dois mil anos, pela desflorestação resultante da opção cerealífera do Império Romano, acompanhando, neste ponto, o que se passou em todas as regiões com aptidão agrícola no Mediterrâneo Ocidental, em especial a zona do sul da Hispânia, em paralelo com a do Norte de África. Os resultados são conhecidos: deserto a sul e a forte erosão dos solos a norte do Mediterrâneo.

3ª Etapa: visita às áreas de estabulação de porcos e aos galinheiros. Confrontam-se, neste ponto, as respostas dos agrários e mais tarde das cooperativas da Reforma Agrária, mas, sobretudo, das populações à diminuição da pressão cerealífera e a emergência da exploração da terra sob a designação de "montado". À estratégia imperial cerealífera globalista respondem as populações com ações diferenciadas e de base "local" as quais se foram repetindo por todo o sul peninsular: pequenas hortas, algum cultivo de cereais, azeite, promoção de caça, recolha de bolota para consumo humano e, nomeadamente, pastoreio de vacas, ovelhas, cabras, cavalos, porcos e galinhas. Como se referiu, anteriormente, a evolução atual vai no sentido de reservar a estabulação para a reprodução, passando depois os animais para a zona de pastoreio nos parques do montado.

4ª Etapa: observação do estado de degradação das herdades em volta da HFM. Discute-se, neste ponto, um "retorno" ao modo de produção cerealífero intensivo, próprio do passado imperial. Surge, efetivamente, em pleno Século XX, uma "nova" moda agrícola: a da "campanha do trigo", propalada pelo governo do Estado Novo, a qual visa converter o Alentejo no "celeiro de Portugal", esgotando literalmente a terra e criando as condições de uma progressiva desertificação. A proposta seria,

sobretudo, portadora de uma ameaça de morte do "montado". Consolida-se, em concreto, ainda, a fórmula da grande propriedade agrária, vitoriosa na sequência do "movimento liberal" e da expropriação das propriedades da Igreja e dos conventos, vendidas em hasta, (nada-)pública, aos agrários, os quais se convertem em mega-proprietários fundiários. A proletarização dos camponeses ficaria completa com a descoberta e a abertura das minas de pirites, uma das matérias primas que fazem o progresso das fábricas da margem sul do Tejo (na zona de Lisboa).

5ª Etapa: visita a alguns espaços "de controlo" onde se mantém, ainda, o solo degradado[17], fruto das "campanhas do trigo". Trata-se da continuidade da exploração intensiva das terras alentejanas, no âmbito da designada "Reforma Agrária" sob uma fórmula cooperativa, inspirada no modelo de exploração das imensas terras da "ex-União Soviética", no caso da HFM, a "Cooperativa Cravo Vermelho". O sonho não deixava de ser empolgante: uma vida digna para o proletariado agrícola do sul de Portugal, a par com a soberania alimentar do país, através da produção intensiva do trigo e da criação de gado bovino ovino e porcino, mantendo-se a exploração da cortiça. O sonho reformatório não possuía, entretanto, as bases de uma exploração científica das terras de montado, criando vastas zonas degradadas na propriedade.

6ª Etapa: visita ao "Centro Interpretativo da Floresta Mediterrânica", no qual se pode observar um "retrato" do estado desta ao longo dos últimos milénios. Reflete-se, neste ponto, acerca da emergência de uma visão de futuro, na HFM, de preservação sistemática do modelo de montado de antes da "Campanha do Trigo" do Estado Novo, em paralelo com a experimentação de diversos modelos de "agrofloresta de sucessão", apoiada, em sede de planificação financeira do negócio, por uma fórmula do tipo "cooperativa de consumo" – a CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), sedeada em contexto urbano na zona de Lisboa, efetivamente solidária com a produção sustentável e programável de alimentos. O modelo complexo implementado, cuja dinâmica pode ser objeto de verificação na HFM, possui, assim, a virtualidade da

[17] A ciência da regeneração de solos degradados, está ainda em processo de desenvolvimento. Ela é, efetivamente, muito recente (Ablefonlin, 2019).

planificação de toda a atividade produtiva, articulando-se, de uma forma cabal, a "mesa" com a "horta", nas palavras do líder da experiência. Neste âmbito, o centro interpretativo da floresta mediterrânica permite experienciar um retorno à situação de "clímax" da floresta pré-imperial (do império romano, entenda-se) em cerca de 30 anos, que seria o tempo que levaria a cobrir um vasto espaço territorial com cerca de 1.200 árvores de fruto/ha, e ademais com vastíssimos espaços livres para legumes (por entre as linhas da ocupação agro-florestal)[18].

7ª Etapa: visita guiada aos vastos espaços da HFM para apreender a organização e a gestão deste conjunto sistémico dos diversos ecossistemas naturais. A organização do espaço articula-se, nesta fase de desenvolvimento, em quatro sub-áreas principais: (i) a do montado de sobreiros, azinheiras e espécies afins, uma agrofloresta de tipo tradicional (como prefere designá-la Sendim, 2023), enquanto espaço privilegiado de pastoreio de vacas, ovelhas ou cabras, cavalos, burros, galinhas e porcos, dividido em quadrículas ou parques, para rotação da exploração; (ii) uma área de conservação ou de reserva florestal integral, tão próxima da floresta mediterrânica original quanto possível, destinada ao estudo do funcionamento autónomo da natureza ou à recolha seletiva de plantas com interesse medicinal; (iii) áreas de inovação em que diversas experiências de agro-floresta em que se conjugam a produção de frutos e a regeneração do espaço rural degradado; (iv) a produção de legumes em solos, fortemente enriquecidos, ao ar livre ou em estufas, a par de um último espaço complementar dos anteriores, com experiências de descasca artesanal de sementes e de frutos secos, assim como de conservas de frutos e de legumes, ou seja, o que resta dos envios semanais para os cooperantes da CFA.

[18] No âmbito da visita à área social, o desenho do produto deverá propor um almoço, cujo menu poderia inspirar-se daquele que é o típico do almoço anual dos sócios do CSA de apoio à HFM: o "Cozido de Bolotas do Montado do Freixo do Meio", o qual é composto de bolotas, grão de bico, couve galega, couve coração de boi, repolho, feijão verde, cenoura, nabo, caldo de carne, linguiça, farinheira, carne de porco, carne de vaca, pão de bolota e hortelã (animais criados em liberdade no espaço do montado).

8ª Etapa: visita à designada área social (estufas e micro-fábricas). Em termos sócio-económicos a HFM é, atualmente, uma unidade produtiva inserida numa aldeia do interior de Portugal, que mantém cerca de 60 postos de trabalho[19], relativamente bem remunerados, e que alimenta um total de 1.200 pessoas na zona de Lisboa. Numa antevisão de futuro, a HFM poderia, facilmente, expandir a produção suscetível de multiplicar por 10 a alimentação em termos de número de pessoas (cerca de 12.000), com a correspondente criação de emprego, sem qualquer aumento de pressões ecológicas sobre o sistema agroflorestal seja ele o preservado ou o implementado.

9ª Etapa: visita à zona da reserva florestal integral[20]. Apreciação das preocupações da gestão da HFM em manter essa zona de reserva a título de área de estudo e, possivelmente, uma futura área de retoma da produção concebido de espécies vegetais indispensáveis ao que consideramos poder vir a ser a medicina do futuro, ou seja, os tratamentos médicos baseados na abordagem terapêutica da designada "endobiogenia".

10ª Etapa: um momento de reflexão final acerca do modelo de exploração do espaço rural e da sua possível reprodução. Efetivamente, o modelo desenvolvido na HFM, com as devidas adaptações eco-socio-sistémicas locais, é, tudo indica, passível de ser reproduzido, permitindo abrir perspetivas muito otimistas de conjugação das diferentes exigências próprias do Século XXI, tanto económicas, quanto sociais e ecológicas, fazendo-se interagir a natureza, o trabalho do homem e o conhecimento científico. As soluções tecnológicas em perspetiva na União Europeia (baseadas na oposição homem-natureza)[21], para além dos custos

[19] Quanto estariam, alguns autarcas do interior do nosso país, dispostos a pagar, para cativar uma empresa que prometesse criar 60 postos de trabalho diretos! E, afinal, temos, aqui, um projeto com todas as condições de replicabilidade!

[20] O interesse da preservação não está em causa, só que se a aposta da HFM fosse a de cobrir o território com esta floresta "original", a hipótese de um equilíbrio ambiental com base numa reflorestação sustentável, e sob a forma de um modelo a disseminar pelo mundo, levaria um mínimo de cerca de 30.000 anos a conseguir. Com base na estratégia da agrofloresta (cerca de 1.200 árvores de fruto por hectare), o reequilíbrio ambiental poderia ser obtido em cerca de 30 anos.

[21] É sabido como as meias-verdades escondem, normalmente, agendas secretas (das quais a mais cínica seria, talvez, a da destruição de montado para colocar energias

exorbitantes, parecem estar destinadas a falhar no todo ou em parte das suas finalidades, social, económica ou ecológica. Sobretudo, as políticas nacionais como as europeias continuam surdas, cegas e mudas, em face das imensas potencialidades de experiências como as da HFM em termos de externalidades positivas (renovação dos solos, captura dos excessos de CO2 na atmosfera, controlo do ciclo da água, prevenção de incêndios, manutenção da vida selvagem, etc.), cuja remuneração pública, a exigir por cidadãos esclarecidos, constituiria uma poderosa alavanca de disseminação deste tipo de soluções sistémicas agroflorestais, adaptadas aos mais diferentes territórios.

6. CONCLUSÃO

Ao propormos uma ideia de "projeto de roteiro" pretendíamos, essencialmente, encontrar um meio de fazer perceber à opinião pública nacional (porque não, mundial!), no sentido geral do termo, a magnitude do alcance sócio-económico-ecológico do que acontece na HFM. Para a elaboração desta proposta (em 10 etapas temáticas), contemplámos cinco dimensões: (i) foram recolhidos os testemunhos dos atores relevantes; (ii) procurámos encontrar as explicações e o léxico indispensáveis a uma compreensão generalizada; (iii) tentar denominar os principais

---

fotovoltaicas, ali mesmo ao lado da HFM). Nas palavras de Sendim (2023), "a ideia de que o homem só é capaz de destruir, não é capaz de regenerar ativamente, não faz sentido. Não há nenhuma razão para que assim seja, por muito que haja algumas correntes de pensamento que gostem e utilizem essa ideia da origem maléfica da nossa espécie".

Acerca desta "decantada" oposição homem-natureza, consulte-se o trabalho extremamente documentado de Nordangard (2023) que situa essa abordagem na "encomenda social" (como diria John Bernal), da investigação sobre o clima ao longo dos últimos 80 anos, da "família" petrolífera Rockefeller, explicando como foram mobilizados políticos e ativistas, académicos e religiosos ou mesmo homens de negócios para a defesa da tese da culpa da ação humana, na procura de uma causalidade direta das alterações climáticas. Quanto às políticas públicas, o efeito desta "cruzada" rockefelleriana é bem visível do lado oposto da estrada (em direção a leste), onde um parque solar gerará, porventura, mais lucro do que se consegue na totalidade da faturação da HFM.

temas/etapas, a partir do terreno; (iv) bem como, conceber uma dinâmica explicativa coerente e passível de "melhoria contínua"; (v) ao proceder desta maneira, considerámos que o plano proposto é, acima de tudo suscetível de poder desafiar os profissionais do turismo a desenhar um produto "vendável".

Se o leitor deste texto tiver ficado com o desejo de visitar a HFM e de experienciar de forma positiva esta mensagem de esperança no futuro da terra e da humanidade, teremos conseguido o nosso propósito. Se um estudante, ou um profissional do turismo conseguir desenhar um produto turístico apelativo, as nossas expectativas seriam ainda maiores e, como autor, sentir-nos-íamos plenamente gratificados. Se, com esse produto turístico, os cidadãos do mundo se começarem a recusar a continuar a ser a "variável de ajustamento" das políticas cerealíferas globais, a esperança no futuro da vida no planeta Terra sairia, certamente, reforçada, o que constitui a verdadeira finalidade da produção científica.

Entretanto, como demonstramos na bibliografia, prometemos continuar a nossa cruzada em favor de uma ação cidadã consequente em favor da "ecologia como ética e como ciência" (Sendim, 2023), dado que, de acordo com o que escrevemos, consideramos que o futuro da Terra e da Humanidade se encontra, ao invés da propaganda dominante que criou a ideia de que as soluções seriam sobretudo técnicas (energias renováveis e veículos elétricos seriam os símbolos emblemáticos)[22], nas mãos dos cidadãos (enquanto consumidores organizados, no caso, como utilizadores-turistas), mais, inclusive, do que nas mãos de governos submetidos, de facto, a jogos de interesses.

[22] Vejam-se os movimentos jovens que se concentram, de forma quase exclusiva, neste género de exigências técnicas, quando de entregam a protestos, ocupações de edifícios escolares e a greves. Sem se darem conta, alinham as suas ações pelo "discurso" dominante. As soluções não estariam, deste modo, nas mãos do cidadão comum, deixando-as circunscritas ao mecanismo estrito do protesto. Efetivamente, as respostas são deixadas ao bem-fundado dos monopólios económicos, os verdadeiros donos da evolução tecnológica ao "serviço" das agendas da designada "transição energética".

BIBLIOGRAFIA

Ablefonlin, M., H., H. (2019). Gestion Durable des Terres: Intégration de l'approche genre dans le processus de la gestion économique des sols. Paper - "laboratoire LASDEL".

Blanchot, F. (1999). La Connaissance Objective de Karl Popper: principales thèses et apports pour les recherches en Gestion. *Finance Contrôle Stratégie – Volume 2, N° 3, septembre*, p. 25 - 62.

Desvallées, A. e Mairesse, F. (2011). *Dictionnaire Encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin.

Dias, D., Mónico, L., Carvalho, C., Parreira, P. e Lopes, A. (2019). Narrativas Organizacionais: contributos para a mudança organizacional, Cap. 8, in *Capital Psicológico, Estratégia e Gestão na Diversidade das Organizações*. Edições Universidade de Coimbra, SBN978-989-99775-4-9.

Lopes, A., Araújo, P., Costa, C., G. e Nascimento, L. (2023). Herdade do Freixo do Meio: A Case Study of Mediterranean agroforestry in Portugal analyzed from place to people perspective. In Vania V. Estrela, Anand Deshpande, Asiya Khan (Editors). *Agriculture 4.0 and Smart Development - Intelligent Designs, Innovation, and Sustainability*: CRC/Taylor & Francis.

Lopes, A., Dias, D. e Parreira, P. (2009). Análise de um Processo de Fusão de duas Instituições Públicas da Administração Pública Portuguesa: O Papel Central dos Líderes Intermédios; in Economia e Empresa, Série II, nº 9, Lisboa, Universidade Lusíada.

Lopes, A. (2016). Cultura de qualidade e eficácia durável: o primado da gestão de pessoas. In Gestão E Desenvolvimento, (24), 9-45. https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.

Lopes, A., Barrosa, L., & Fonseca, A. V. (2020). Pedagogia escolar: reprodução social do insucesso versus exigência na gestão. Um estudo de caso. Gestão E Desenvolvimento, (28), 159-196. https://doi.org/10.34632/gestaoedesenvolvimento.2020.9470

Lopes, A. e Raposo, R. (2021). Agroflorestas de Sucessão e Sustentabilidade na Região Mediterrânica Portuguesa: Estudo de Caso. *Economia & Empresa, Lusíada, Série II, 31 (2021), p. 21-48.*

Lopes A. e Romana, F. (2022). Agroforestry: The Future of the Planet through the Strategic Management of People. *American Journal of Industrial and Business Management, 12, 1591-1606.* https://www.scirp.org/journal/ajibm

Márquez, G., G. (1982). *El olor de la guayaba: conversaciones con Plinio Apuleyo Mendoza*. Buenos Aires: Sudamericana.

Morin, E. (1999). *Reformar o pensamento, repensar a reforma: cabeça bem feita*. Lisboa: Edições Piaget.

Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.

Nordangard, J. (2023). *Les Rockefeller, maîtres du jeu.* Paris: Jean-Cyrille Godefroy Editions.

Murray, M. (2017). *La recherche narrative*; in *Les Méthodes Qualitatives en Psychologie et Sciences Humaines de la Santé*; p. 107-130. Paris: Dunod. DOI: 10.3917/dunod.santi.2017.01.0107.

Popper, R., K. (1975). *Conhecimento Objetivo: Uma Abordagem Evolucionária.* São Paulo: Edições da Universidade de São Paulo.

Papa Francisco (2015). *Laudato si.* Encíclica publicada em 24/05/2015, dia da solenidade do Pentecostes.

Torres, M. (2021), Definir Neolítico: https://ensina.rtp.pt/explicador/a-revolucao-do-neolitico-a-economia-de-producao-e-a-sedentarizacao-h4/

Sendim, A. (2023). *"O que está em causa não é o planeta nem a natureza, somos nós"* - greenefact.sapo.pt

Creative Commons Attribution License | This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (CC BY). The use, distribution or reproduction in other forums is permitted, provided the original author(s) and the copyright owner(s) are credited and that the original publication in this journal is cited, in accordance with accepted academic practice. No use, distribution or reproduction is permitted which does not comply with these terms.